



Jami Attenberg

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

QUASE ADULTA

«Um aplauso a Attenberg, por contar, com muito humor e honestidade, a história de uma mulher adulta que faz o que quer e não o que é suposto.»

MARIE CLAIRE

**TOP
SEL
LER**

O apartamento

Estudas Artes, odeias, desistes do curso, mudas-te para Nova Iorque. Para a maioria das pessoas, ir para esta cidade seria sinal de ambição. Mas, para ti, significa o fracasso, porque foi lá que cresceste, ou seja, na prática, estás de volta a casa depois de te fazeres ao mundo e fracassares. A nível espiritual, é o oposto de quem vai para lá todos os dias para trabalhar.

Durante algum tempo, vives na zona «artística», com o teu irmão e a namorada, num quarto minúsculo que eles têm a mais, a cama enfiada entre as prateleiras dos sapatos e algumas das guitarras do teu irmão — cada uma no seu estojo — mais uma parede de livros da namorada, de quando andou a tirar o curso numa privada das mais elitistas. Por via da dita namorada, arranjas emprego. Não o detestas nem o adoras, simplesmente não podes torcer o nariz a dar no duro, porque não és melhor do que ninguém. Aliás, nalguns aspetos, és bem pior, mesmo. Reconheces que és uma privilegiada e lá vais tu trabalhar.

Começas a ganhar. Encontras umas águas-furtadas pequenas, sujas e a caírem de podre, num bairro merdoso à beira-rio, em Brooklyn. Há uma única janela, do chão ao teto, e que oferece um enquadramento fantástico de um minúsculo Empire State Building lá ao longe. Agora sim, estás em casa. Todos na tua vida suspiram de alívio. *Está safá*, pensam. Em nenhum momento alguém te pergunta: «Então deixaste de criar arte?» Será por não quererem saber a resposta ou porque lhes é indiferente, ou então têm medo de te perguntar porque tu lhes metes medo. Seja qual for a razão, todos eles são cúmplices nisso, nesta nova fase «não criativa» da tua vida. Muito embora criar arte fosse aquilo de que mais gostavas no mundo.

Mas tu tens um pequeno segredo: poderás já não estar a criar, a fazer «arte», mas, pelo menos, desenhavas todos os dias. Dizer isto fosse a quem fosse seria admitir que há um vazio na tua vida e tu preferes não o fazer em voz alta — tirando quando vais à psicóloga. Mas aí estás tu, diariamente a desenhar a mesma coisa vezes sem conta: o raio do Empire State Building. Todos os dias te levantas de manhã (ou à tarde, no fim de semana, conforme a ressaca), bebes o teu café, abres a mesa junto da janela e desenha-lo, geralmente a lápis. Quando tens tempo, acabas a tinta da China. Às vezes, se já estás atrasada para o trabalho, desenhavas à noite e depois dás cor aos esboços, para os diferenciavares, porque as luzes estão sempre a mudar. Umhas vezes, desenhavas só o Empire State Building; noutras, desenhavas os edifícios em volta; noutras, desenhavas

o céu; noutras, desenhas a ponte no fundo; noutras, desenhas o East River; e noutras ainda, desenhas a janela a emoldurar isso tudo. Enches cadernos e cadernos com estes esboços. Dás-te conta de que eras capaz de continuar eternamente a desenhar sempre o mesmo. «Homem algum entra duas vezes no mesmo rio, porque o rio já não é o mesmo, tal como ele já não é o mesmo homem.» Leste isto num lado qualquer. No teu caso, o rio é o Empire State Building. E nem tens de sair do apartamento para entrares nele. Criar voltou a ser o teu refúgio, muito embora saibas que não estás a progredir, que isto que tens feito só dava para expor num passeio à saída do Central Park, num sábado ensolarado, para vender aos turistas. Fora isso, pouco mais. Não é um trabalho desafiante nem tem uma mensagem; é só a vista da tua janela, uma vez e outra. Mas não és capaz de fazer mais nada, isto é tudo o que tens para oferecer ao mundo e dá à justa para fazer com que te sintas especial.

Passas seis anos nisto. Um apartamento em Brooklyn, num bairro a transformar-se. Para quê mudar, se a renda é tão barata? Tens um trabalho medíocre, mas bem pago e és um ás a fazê-lo; chegas a ser promovida algumas vezes, nada de especial. De vez em quando fazes voluntariado. Tens uma mãe ativista e vais às marchas de protesto a que ela te manda ir. Cadernos de esboços que não servem para nada vão-se empilhando na prateleira inferior de uma estante. Mal dão para coçar essa tua comichão louca. Além disso, bebes que te fartas e, durante ainda bastante

tempo, também te metes nas drogas; por norma, coca e *ecstasy*, mas às vezes também tomas um comprimido no fim da noite, para aterrares. Essa é outra maneira de aliviares a tal comichão. E há também os homens na tua cama, no teu mundo, nenhum particularmente nítido, mas o que te interessa não é tanto eles, é mais abafar a voz na tua cabeça a dizer-te que não estás a fazer nada de jeito da tua vida, que és uma criança, ou então que «as coisas de adultos» são todas uma treta, que não querem dizer a ponta de um corno, e tu encurralada entre um estado e outro, e assim continuarás eternamente, a menos que alguma coisa te force a mudar. Além disso, tens saudades de criar.

Nenhum dos teus conhecidos parece ter qualquer problema em mudar. Para eles, o êxito profissional é canja e compram apartamentos e mudam de cidade e apaixonam-se e casam e juntam mais um apelido ao nome e adotam gatos que vão buscar ao abrigo e, por fim, têm filhos. E documentam meticulosamente tudo isto na Internet. A sério, dá ideia de que não lhes custa nada. Edificam as suas vidas como quem constrói um prédio: tijolo a tijolo, cada um tão essencial quanto nada surpreendente, a ser colocado diante dos teus olhos.

A tua parte favorita é quando alguma amiga te convida para uma bebida, coisa que já fizeram milhões de vezes, mas então, no bar, ela põe-se a olhar para a carta e não pede nada, e tu vês-te obrigada a perguntar: «Não bebes nada?», e ela responde: «Quem me dera poder», e faz uma pausa

dramática e tu adivinhas o que vem a seguir: ela vai dizer-te que está grávida. E lá vem o subtexto de que és tu a sortuda, porque podes beber, e ela tem azar, porque não pode, porque tem o raio do bebé dentro dela. Merda de bebé de um raio. Na barriga dela.

Até que o teu irmão e a mulher também vão ter um e esse não podes odiar, primeiro, porque é da família, depois, porque eles sempre foram incrivelmente bons contigo e tu e o teu irmão são particularmente chegados por causa do vosso pai, que morreu novo, de uma overdose. Organizas um «chá de bebé», onde abusas dos cocktails e depois choras na casa de banho, mas tens quase a certeza de que ninguém se deu conta. Não que queiras um bebé, casar e tudo isso. Essa não é a tua onda. Mas estás farta, só isso, vá-se lá saber porquê. Farta do mundo. Farta de te tentares integrar onde não pertences. Nessa noite, voltas para casa e desenhas o Empire State Building e enches-te de esperança ao fazer isso, porque é uma coisa que adoras fazer, e a esperança é tanta que até vais à Internet ver o que significa a iluminação dessa noite — é toda verde e azul — e descobres que é por causa do Dia Nacional dos Distúrbios Alimentares, o que te põe outra vez deprimida, embora tu própria nunca tenhas tido nenhum.

Os nove meses passam à velocidade da luz; o bebé pode nascer a qualquer momento. Ligas ao teu irmão para saberes para quando está marcado, mas eles arranjaram uma pediatra *hippie* e o teu irmão diz:

— Ainda não sei. Pode ser só daqui a uma semana.

De repente, ficas doida de entusiasmo. Vai ser menina.

— Liga-me quando souberes mais alguma coisa, seja o que for — pedes-lhe. Segue-se uma tarde preenchida com três reuniões chatérrimas, daquelas que nos matam por dentro, e depois mudam-te de cubículo, e este vais ter de o partilhar com uma colega acabada de contratar, 13 anos mais nova do que tu, hilariante, gira, e que adora chamar a atenção, que deve ganhar metade do que tu ganhas, mas, ainda assim, gasta-o todo em vestidos justos. É sexta-feira. Vais beber um copo ao pé de casa. Apanhas uma narsa. Ligas ao teu *dealer*, a quem não ligavas há anos. Nem acreditas que o número ainda é o mesmo.

— Já faz um bocado que a gente não falava — diz ele.

— Tenho andado ocupada — respondes tu, como se tivesses de te justificar por já não andares na cena das drogas. Não lhe compras muita, é mesmo só para essa vez, mas depois conheces um homem no bar (os dois fazem de conta que já se conhecem, mas não é o caso; apenas, por uma razão qualquer, isso parece tornar a coisa mais segura) e ele tem de sobra para os dois. Saem juntos e vão para tua casa, de onde se avista uma Manhattan minúscula, ao longe, e onde há todos aqueles cadernos de esboços empilhados, e é lá que começam a aviar aquela droga toda. Passam horas nisso. Chega a haver um nadinha de sexo à mistura, mas nem tu nem ele estão lá muito interessados um no outro. São «parceiros de moca» e pronto. Nem te entusiasmas que chegue para o entusiasmares.

Às tantas, ele vai-se embora e tu desligas o telemóvel e vais dormir. Acordas domingo à noite. Ligas o telemóvel. Tens oito mensagens, do teu irmão e da tua mãe. A tua sobrinha nasceu e não estiveste lá.

Depois disto, não tornas a tocar em drogas, uma vez que seja. Nem é preciso desintoxicação. Começas a ver o mundo com novos olhos. Mas o mundo continua igual. Há o trabalho, há o apartamento, há as amigas, há a família e há a vista. Durante umas semanas, há ameaças de que talvez queiram promover-te à séria no trabalho, mas percebes que isso equivale a mais responsabilidades e lá consegues esquivar-te. A promoção teria equivalido a uma situação mais permanente. E mentes a ti mesma: *Mais vale deixar as minhas opções em aberto, porque nunca se sabe.*

E continuas a desenhar. É sempre a melhor parte do dia. É o teu momento mais puro. É quando a respiração deixa de pesar e pairas um nadinha acima do chão. No dia de Ano Novo, que é o de todos os recomeços, permites-te folhear alguns dos cadernos de esboços. Vês que melhoraste. Não és *mediocre*. E essa ideia enche-te as medidas. Ficas ali sentada a pensar nisso. Sozinha. Permites-te o prazer de gostares de ti. E se isso bastar?

Uma semana depois, vais a sair de casa e vês a vedação à volta do lote de terreno do outro lado da rua. E está ali um letreiro; é uma licença de obras. Ali vai ser um condomínio de dez andares. As obras começam dentro de um mês. Vives num quinto andar. Este prédio vai tapar-te

a vista, disso não há dúvida. Por um instante, perguntas-te se aquilo será no gozo. Olhas para trás, para ver se estás a ser filmada, se estão à espera da tua reação, mas não, é mesmo a sério, a tua vida vai mudar. Finalmente, uma surpresa.

O edifício leva um ano a ser construído e tu assistes dia a dia. Tijolo a tijolo. Não sabes ao certo quando estará concluído, quando ficarás definitivamente sem vista, mas resolves dar uma última festa, a de despedida. Convidas todos os teus conhecidos e até os deixas trazerem os filhos. Os teus amigos brindam ao Empire State Building e a ti.

— Era uma belíssima vista — comenta uma colega de trabalho, das primeiras que trouxe o noivo a reboque.

— Não era luxuosa — respondes —, mas valia bem os 1500 de renda que pago ao mês.

— Conseguiste uma renda excelente — opina o noivo. — Mesmo não tendo a vista, não podes sair daqui. Não deixes este apartamento — diz ele, a sacudir-te pelos ombros.

No dia em que é colocado o último tijolo e a vista se vai oficialmente, compras uma garrafa de vinho, mandas vir uma piza e sentas-te à tua mesa. Ficas a olhar para o ar, para o nada e para tijolos. Aquilo que te tornava especial desapareceu. Jamais terás de volta aquela vista, ou esse período da tua vida. E, dessa fase, restam apenas os cadernos de esboços, inúteis. Ainda pensas em queimar tudo, mas de que serviria? Além do

mais, são o único testemunho da tua passagem por este mundo. E compreendes que, durante todo esse tempo, não estiveste senão a tentar provar a ti mesma que continuavas viva. *Mas então, se agora já não vou ter isto, isso quer dizer que estou morta?* Claro que não. Meu Deus, não, por favor. Dás uma dentada numa fatia de piza, bebes um golinho de vinho e fazes-te a pergunta que estás finalmente preparada para fazer: E agora?

Andrea

Sai um livro. É sobre ser solteira e foi escrito por uma mulher extremamente atraente que entretanto casou. O livro é um recordar crítico, porém nostálgico, dos tempos de solteirice. Não tenho o mínimo interesse em lê-lo. Solteira já eu sou. Desde há muito. Não há nada que esse livro me possa ensinar sobre ser solteira que eu não saiba já.

Não obstante, todos quantos conheço só me falam no livro. Parecem pombos-correio, todos de asas a bater a trazerem a mensagem, todos ao serviço de um malévolo senhor dos média, algures num telhado no centro financeiro de Manhattan. Nada os impedirá de alcançarem o destinatário: eu — supostamente, o público-alvo do livro.

A Nina, a minha parceira de cubículo, sempre de pulseiras a chocarem-lhe nos braços, empresta-me o dela quando acaba de o ler, muito embora eu jamais tenha demonstrado interesse em lê-lo, quanto mais em discuti-lo com ela. A Nina tornou a ficar solteira recentemente e tem

24 anos. Qualquer mulher que não tivesse tornado a ficar solteira recentemente nem tivesse 24 anos saberia que não se empresta semelhante livro a outra mulher solteira.

A minha mãe compra-o na Internet para mim e lá chega ele um dia, uma surpresa no correio, sem uma nota ou sequer um remetente, e levo uma semana a perceber quem foi que mo mandou. E, enquanto isso, eu a pensar: *Este livro, mandou-mo um fantasma, um fantasma que quer que eu reflita sobre a minha condição de solteira.*

Até que, finalmente, a minha mãe confessa ter sido ela. (Não o encara como uma confissão, claro; apenas eu olho assim a coisa.)

— Recebeste o livro? — pergunta-me.

— Ah, então foste *tu* que mandaste... — replico.

— Mãe, qual é a ideia, mandares-me um livro daqueles?

— Achei que talvez te ajudasse — diz ela.

A minha cunhada, que vive no New Hampshire profundo e consagrou a existência a cuidar da filha moribunda, a minha sobrinha, e que a cada dia é confrontada com a mortalidade, fala-me do livro um dia, durante um dos meus telefonemas de domingo lá para casa.

«Já ouviste falar desse livro?», pergunta-me.

— Sim — respondo-lhe. — Ouvi, de facto.

Antigas colegas da faculdade mandam-me *links* de críticas ao livro para o meu *Facebook*, sempre com um comentário do género: «Achei que talvez te interessasse», ou: «Vi isto e lembrei-me de ti.» E eu penso: *Será que devo pôr um like nisto?* Porque a verdade é que não gosto.

Detesto, para ser sincera. Onde é que carrego para pôr «não like»? Onde é que carrego para mandar um berro?

Vou à psicóloga e digo-lhe:

— Mas porque é que, quando as pessoas pensam em mim, só lhes vem à cabeça eu ser solteira? Sou mais do que isso.

E ela fica deliciada, a cabrona velha, sardónica, intelectual e encarquilhada. Porque, ao que parece, eu tive uma «revelação», ou, no mínimo, este é um exercício útil, um momento que talvez me ensine alguma coisa. Ou uma coisa assim do género. Isto é um ponto de viragem nas nossas conversas. Está a ser feita uma afirmação e, em última análise, essa afirmação sintetiza a minha vida.

— Então diga-me quem é — replica ela. — Que outras afirmações são verdadeiras?

— Bom, sou mulher — começo.

— Certíssimo.

— Sou designer e trabalho em publicidade.

— Sim.

— Tecnicamente, sou judia.

— Ok.

— Sou nova-iorquina. — Começo a ficar inquieta. Sou mais do que isto, não? — Sou amiga — acrescento. — E filha, e irmã, e tia. — Ultimamente sinto-me cada vez mais afastada destes papéis todos, mas eles existem e formam a minha identidade. Para mim própria, penso:

Sou uma mulher sozinha.

Que bebe.

Ex-artista.

Das que gritam durante o sexo.

Sou a capitã deste navio que se afunda e que é o meu corpo.

À psicóloga, digo:

— Sou morena.

Saio com um homem que conheci online e não corre bem. Embora me dê um certo prazer não ser eu a beberona da noite, o prazer é passageiro, porque o facto é que tenho de aturar um bêbado na mesma; tenho de perder o meu tempo com este homem e tentar perceber se ele tende a ser hostil ou antes bem-disposto. Tenho de assistir de fora a toda a cena. Isto não é um encontro; é uma audição para uma peça sobre um encontro que corre pessimamente.

Quando chego, já ele vai no segundo *bourbon* e encho-me de paciência, mas depressa começo a ficar chateada porque me quer parecer que ele já está a abusar do toque. Tem familiaridade excessiva comigo, está a contar com demasiado e, além disso, vestiu uma camisola de gola alta e, com aquela cabeça, as camisolas de gola alta ficam-lhe mal, ou se calhar é só o queixo, ou então é a boca, nem eu sei, só sei que *não posso* com a camisola de gola alta. Então, à despedida, ele pergunta-me se li o tal livro.

— Não, e tu? — replico.

E ele:

— Ná, eu leio pouco. — E eu penso: *Quelle* surpresa. E então ele acrescenta: — Mas dá para ver que foi mesmo escrito para ti.

E eu:

— E para *ti*, não foi porquê?! Também não és casado.

E ele:

— Quê, isto?! Para mim isto é só temporário.

A permanência da minha impermanência. Eis-me dona e senhora desse estado. Eis-me de pé diante dele, à entrada do metro, dona e senhora de mim mesma e de nada mais. «Eu mesma» é tudo o que importa, tenho vontade de lhe dizer. Mas, para ele, isso equivale a nada, porque é isso o que ele presentemente acha de si mesmo. Está sozinho, portanto não é nada. Como explicar-lhe que o que se aplica a ele não se aplica a mim? O contexto dele não é o meu. Como faço explodir o autocarro em que nos querem forçar a andar a vida toda? Não temos culpa se na altura não havia outros transportes à disposição.

— Devias ler o livro — diz ele, e eu dou-lhe com a carteira no braço, como se ele me tivesse molestado e eu o quisesse enxotar. E deixo o palco, a audição chegou ao fim, e ele ainda me grita a última fala nas costas: — Ei, qual é a ideia?! — Não me lembro se me chama «cabra de merda». Talvez o diga entredentes. Uma bucha para a despedida.

Não chego a ler o livro. Deixo-o na lavandaria do meu prédio e, da vez seguinte que lá vou, já lá não está. A minha mãe não torna a perguntar sobre o assunto. A sua apreciação dos fardos que eu carrego está em fluxo permanente. Para já, a solteirice ficou esquecida.

Esqueçamos, pode ser? Falemos de outra coisa, por favor.

A Indigo vai casar

Apanho um voo para Seattle, sozinha, para ir ao casamento da minha amiga Indigo. Ela foi das primeiras colegas de quem me fiz amiga quando comecei a trabalhar em publicidade; e durante vários anos, corremos os bares do centro financeiro, sempre à quinta, depois do trabalho, para aproveitarmos a *happy hour*, e até fizemos férias juntas algumas vezes; enfim, eram só fins de semana fora, mas pronto. A mãe dela é de Trinidad e o pai é branco e, onde quer que fôssemos, os homens diziam-lhe sempre que ela era «exótica», e ela respondia: «Não sou um pássaro nem uma flor; sou um ser humano.» Às tantas, largou o emprego e tornou-se professora de ioga, mas agora vai casar com um homem rico, portanto já só trabalha em *part-time*. Ainda assim, fazem um casamento *hippie*; pelo menos, dá todo o ar disso. Estão os dois descalços. Há flores silvestres por todo o lado. O vestido dela parece de farrapos. Estamos no quintal das traseiras de

não sei quem, embora seja um quintal com vista para Puget Sound.

Fico na mesa dos solteiros, por baixo de um ninho feito de parras e gambiarras. Juntaram-me com quatro outras mulheres solteiras: Duas são lésbicas e a melhor amiga uma da outra, e só lhes interessa trocar mexericos sobre cada um dos antigos colegas da faculdade; outra é uma freira que já largou o hábito e cuja história permanece um mistério durante todo o serão; e a quarta é a Karen, uma genuína «mulher de carreira». Digo-o não em jeito de troça, mas porque ela própria se definiu assim, portanto é duplamente verdade. Conosco na mesa estão dois gays, que já andaram e agora estão a aproveitar a ocasião para pôr umas quantas coisas em pratos limpos. E há ainda dois homens heterossexuais: um deles, o Warren, é o tio recém-divorciado do noivo, e o outro é o Kurt, alto, de ombros largos e másculo, com um cargo importante nos Seattle Mariners.

Assisto enquanto a Karen se desgraça rapidamente com o vinho *Sancerre*; o Kurt junta-se a ela, embora prefira *scotch*. Namoriscam à séria e sem vergonha nenhuma, quase à profissional, e chega a dar ideia de que já não estamos num casamento, mas num bar, e que eles têm uma tigela de pipocas à frente e há uma televisão a passar um jogo sem som, isto enquanto uma *jukebox* acorda automaticamente de 15 em 15 minutos para nos brindar com *pop* da mexida e com vozes processadas por computador. Ali sentados, o Warren e

eu ficamos a vê-los flirtar; é a nossa maneira de flirtarmos também. É como se tivéssemos saído num encontro a pares, com o pormenor de odiarmos aqueles dois.

— Veja com muita atenção — recomendo ao Warren.
— Doravante, é isto o que o espera.

Ele ri para mim. Com 50 e poucos, tem uns modos calmos e experientes, tem o cabelo todo, mas está a ficar grisalho nas fontes, e é rico, como o sobrinho, que está a casar com a minha amiga Indigo. Diz-me que acaba de se inscrever num clube para fazer caminhadas.

— Dantes fazia-as com a minha mulher e depois passei a fazê-las sozinho, mas gostava de as fazer acompanhado de vez em quando, parece-me — explica.

Os braços dele são esguios e estão bronzeados. Ele conta-me que arranjou um cão há seis meses e que todas as manhãs o leva ao parque. O simples facto de ter o cão à espera dele quando chega a casa está a ajudá-lo a ultrapassar esta fase difícil.

— Ainda bem que tem um cão — replico. Comemos ostras apanhadas nessa manhã e abertas só mesmo antes de servir, ali afundadas nas conchas. Bebemos champagne do bom, daquele mesmo a sério, vindo de França, e é feito um brinde, e outro, e outro. O Kurt já afrouxou o nó da gravata e põe um braço à volta da Karen. Dá-lhe um beijinho na cara e segredam ao ouvido um do outro. Estão a tramar alguma. O sol põe-se atrás das montanhas Olímpicas e ficamos deslumbrados.

— Nunca vi nada assim — digo eu. É raro sair de Nova Iorque.

— Pois eu, vejo isto todos os dias, mas ainda não me fartei — replica o Warren.

O Kurt e a Karen anunciam que vão passar o resto da noite a fingir que são um casal. Não ia ser tão hilariante eles agora fingirem que já se conheciam, que saíam há seis meses, que vieram juntos e que, para eles, isto é uma grande noite romântica?

— Conhecemo-nos num salão de bowling — sugere o Kurt.

— Não, a fazer caiaque — corrige a Karen.

— Ok, a fazer caiaque — acede o Kurt.

— Jantámos pela primeira vez com a minha mãe neste último fim de semana e ela adorou-o — continua a Karen.

— E eu a ela. Quem não ficaria encantado com semelhante mulher? — replica o Kurt.

A Karen está que nem pode.

— Aliás, nem devíamos estar nesta mesa — acrescenta. — Mas já não havia mais lugares. Foi tudo uma confusão.

A freira reformada olha-os, impávida.

— E não deviam estar nesta mesa porquê?

— Porque já não somos solteiros — explica a Karen.

— Estamos juntos. Somos um casal.

— Não percebo — diz a freira.

— Não se incomode em tentar perceber — replico, dando-lhe uma palmadinha amistosa na mão.

A seguir aos brindes, a Karen e o Kurt começam a circular abraçados, a fazer de conta que estão apaixonados. O Kurt apresenta-a a alguém como a sua «C.M.»

— O que é uma «cê-eme»? — pergunta-me o Warren.

— Cara-metade — esclareço. Ele suspira pesadamente e aperta o rebordo da mesa com ambas as mãos. — Oh, Warren... — murmuro.

— Não pensei mesmo que me fosse custar tanto vir a isto — confessa ele.

— Só é difícil se o Warren quiser — replico. — Venha, vamos dançar. — Isto sou eu a ser impulsiva. Não gosto de dançar. Mas percebi que ele tem jeito. É um homem seguro. Capaz de me conduzir.

Dançamos um *slow*, uma *cover* do *Like a Rolling Stone*, do Bob Dylan. De cada vez que o vocalista crocita «*How does it feel?*», juntam-se todos a ele. Do lado oposto da pista, a Karen e o Kurt berram aquilo um para o outro. Em passo de dança, a Indigo e o agora marido, o Todd, vêm ter comigo e com o Warren. Ela está deslumbrante, digo-lhe isso mesmo e então abraçamo-nos a dançar.

— Não é a melhor festa do planeta?! — pergunta ela.

— Épica — respondo. — Estratosférica.

— Não vos faltou champanhe? — pergunta ela.

— Está tudo perfeito — asseguro-lhe.

— Ainda bem que estás a dançar com o Warren — diz ela, então. — Achei que os dois se iam dar bem.

— Porquê?! — pergunto-lhe de volta.

— Ora, porque não há como tu para os homens de coração ferido — replica ela. Aproxima-se mais. — És bem mais bondosa do que julgas — segreda. O Todd agarra nela e afastam-se a dançar; nem tenho tempo de protestar, de lhe dizer que está enganada. Observo-a, uma noiva vestida de seda às tiras, a sua aliança maior do que todas as estrelas no céu.

Mais tarde, eu e o Warren estamos de volta à mesa, os dois ali sozinhos, ambos a descansar os pés em cadeiras. Cada um tem à frente um *sundae* com calda aquecida por cima. Peço-lhe a cereja, ele dá-ma e eu como-a com gulodice. Tem estado a falar-me de uma das três empresas de que é dono. A Karen e o Kurt aparecem ali, os dois aos tombos. Ela tem na mão uma garrafa de champanhe. É sua e ai de quem lha tente tirar.

— Que tal correu? — pergunto. — Toda a gente acreditou?

— Fomos apanhados algumas vezes — admite o Kurt.

— Mas foi o máximo! — exclama a Karen. — Não foi?!
— O Kurt faz que sim. O Kurt está com cara de quem já descia à Terra. — E agora vamos para o hotel — declara a Karen. — Eu e aqui o Carl.

— Kurt — corrige ele. Fica sombrio.

— Hã...? — hesita ela.

— Não me chamo Carl, chamo-me Kurt.

— Eu quis dizer «Kurt» — assegura ela. — Ai meu Deus, desculpa. Tu sabes que eu sei o teu nome, não sabes?
— Eu e o Warren vamos assistindo, à espera do que vai acontecer. O Kurt e a Karen saem juntos do copo-d'água.

— No lugar dele, o que é que fazia? — pergunto ao Warren.

— Levava aquela moça para o hotel, metia-a na cama, depois ia para o meu quarto e batia uma — responde ele.

— O mais certo é ela ferrar a dormir antes de as coisas aquecerem — replico. — E, se aquecerem, qual é o mal?

— Sou antiquado, suponho — responde o Warren,

— A sério? — replico. — Mas não é *velho*. Digo isto no caso de se estar a sentir assim. Porque olhe que não é mesmo. — Pouso a mão no braço dele e tenho a certeza de que o sorriso me sai carregado de eletricidade. Estou a pensar no que é a bondade. Acaricio-lhe o braço. A noite está fresca. A banda anuncia que aquela é a última canção.

— Gostei de a conhecer — diz ele.

— Igualmente — respondo. — E não tem de ficar por aqui. Podemos divertir-nos sem complicar. Pode vir comigo, ou vou eu consigo — digo tudo isto ainda a acariciar-lhe o braço. — Garanto-lhe que não estou embriagada.

E ele responde:

— Sei que provavelmente sou um estúpido por recusar a oferta, ainda para mais vinda de uma jovem tão encantadora, mas eu simplesmente não faço essas coisas, não sou essa pessoa. Não estou a dizer que está mal ser como é, mas também não posso dizer que está bem. Não posso dizer que alguma coisa de tudo o que vi esta noite esteja bem. — Recolho a mão. E ele continua: — Estive com ela 29 anos. Casámos assim que terminámos o curso. Achei que ia estar com ela até ao fim dos meus dias.

Nunca me preocupei em sair com outras, ou com engates de uma noite, tudo isso. Não sei como é que vocês conseguem. E não sei como vou eu conseguir. Não se sente sozinha?

— Warren, por favor, pare de ser horrível — respondo.

— Desculpe — diz ele. Faz uma pausa e então endurece o tom. — Aliás, não peço desculpa. Queria ir para a cama comigo e acaba de me conhecer. Só me conhece há três horas.

E eu digo:

— Warren, peço desculpa. Afinal enganei-me. Afinal, é mesmo um velho. — Levanto-me da mesa. Tenho lágrimas nos olhos. A Indigo vê-me a sair. — Foi uma noite linda — digo-lhe, a limpar os olhos. — Até estou emocionada... fico tão feliz por ti... — Abraçamo-nos e depois subo para uma carrinha parada ali à entrada, que aguarda para nos levar de volta ao hotel.

A Karen e o Kurt estão ali; entro e eles param de se beijar.

— Há melhor à espera — digo-lhes, mas nem sei bem para qual dos dois estou a falar.

A PERFEIÇÃO É ENTEDIANTE; O INTERESSANTE É O CAMINHO ATÉ LÁ SE CHEGAR.

Quando lhe perguntam quem é, Andrea Bern tem a resposta na ponta da língua: ela é designer, nova-iorquina, amiga, filha e irmã. Mas, nas entrelinhas, percebe-se a sua verdadeira natureza: ela é quase quarentona, quase artista, quase à deriva, quase adulta. À sua volta, as pessoas arquitetam a vida tal e qual os padrões que as revistas e as séries de TV populares comandam. Mas há muito que Andrea deixou de perseguir esse sonho e de ter expectativas irreais sobre a sua vida.

Contudo, quando a sua sobrinha nasce com uma doença incurável, Andrea e a família têm de rever prioridades. Pela primeira vez, ela é forçada a fazer algo impensável: a preocupar-se com os outros.

ANDREA BERN

1. EX-ARTISTA
2. GOSTA DE BEBER
3. FUMADORA
4. SOLTEIRA
5. À DERIVA
6. SOLITÁRIA
7. LIBERTINA

«Uma das melhores contadoras de histórias contemporâneas. Com uma voz inteligente e sardónica, a autora coloca a questão que tem atormentado pessoas de todas as idades: Quando sabemos que já chegamos à idade adulta?»

NYLON

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-60-9



9 789898 869609

Literatura Traduzida